

cartõezinhos que nos permitirão pegar todos os trens de seu país e todos os navios com bandeira vermelha.

Falta achar o dinheiro necessário para essa expedição a quatro pés. Um plano de trabalho será realizado sem demora. Não se é escritor à toa. Escreverão artigos e livros. Farão conferências. Escreverão até mesmo roteiros.

Escreveram, de fato, numerosos artigos, na maioria mantidos nas gavetas... Escreveram livros... Mas o que mais serviu a Kazantzaki foram os ensaios de roteiros.

A amizade deles agora se confirmou. Não se deixam mais, tripudiam de impaciência. 1928 deve lhes servir de trampolim. De comum acordo decidem: 1) Ir à Grécia fazer conferências. 2) Que Istrati iria além, iria também a Alexandria converter os infieis. 3) Que suas duas amigas (uma vivia em Meudon, a outra em Paris) viriam se encontrar com eles o mais cedo possível. (Para ajudá-los e estimulá-los? Para lhes servir de pedra de toque?) 4) Que retornarão, uma vez cumprida a tarefa, à U.R.S.S., para aí se instalarem e trabalharem enquanto forem de alguma utilidade à pátria adotiva.

De todas as suas máscaras, a Grécia escolhe para recebê-los a do Deus Janus, de duas faces. Uma ri e chora de alegria, murmura palavras de boas-vindas, enquanto a outra se entristece e faz ameaças. Na primeira conferência — enorme sucesso popular — pedem a Istrati que deixe o local imediatamente. A polícia põe a mão no ombro do grego. Instaura-se um processo que o governo deseja que seja "retumbante", para servir de lição aos desmiolados. Glynos — o mais nobre teórico de esquerda dessa época — e Kazantzaki preparam sua defesa. "Elas serão incisivas". Ai de mim, como acontece freqüentemente na Grécia, o processo não dá em nada. Kazantzaki está livre de novo para ir embora. Viaja, pela terceira vez, para a União Soviética.

A U.R.S.S.. Istrati... Bilili... e a última a chegar, eu mesma... Dois Don Quixotes e duas Sancho Pança-Dulcinéias, estranha combinação para duas jovens namoradas, que desejam proteger seus heróis sem medo, mas sem defesa.

Proteger quem e contra o quê? Já pegaram alguma vez num carvão em brasa? Ah, Bilili, Bilili, se somente você lesse estas linhas, sentiria, tenho certeza, a queimadura na palma da mão, enquanto lágrimas jorrariam ao mesmo tempo que o seu riso... Como amávamos, como detestávamos esse fogo que aquecia nosso coração, mas que ameaçava, a cada instante, queimar-nos em holocausto.

Panait, expulso também do Egito, não espera Nikos em Kiev, apesar de suas promessas. Parte para Moscou e regressa muito mais cedo do que anunciara em suas cartas. Impossível relatar suas idas e vindas contínuas. Inquieto, atormentado, passando por uma grave crise (quase não podia escrever), não pára em lugar algum. Diametralmente oposto por natureza, mas também por uma longa disciplina, Kazantzaki se dedica à tarefa que, de comum acordo,

eles tinham julgado útil. Fica sozinho em Kiev, acha um colaborador russo e trabalha em seu primeiro roteiro. Deste colaborador, de quem ele ganha a confiança, reterá as confissões mais perturbadoras. Deve a ele a história da bela espia de casaco de pele.

Kiev, 18-5-1928.

*"Estou muito triste hoje e falo com você para me aliviar um pouco. É a hora do crepúsculo, não sai o dia todo. Estava lendo um livro excelente de Moussinac sobre o cinema. Certos trechos abrem grandes perspectivas e me digo que, enquanto eu estiver na Rússia, deverei aprofundar esta expressão moderna da alma humana. Esta força do homem de criar, com a luz e a sombra dos personagens, idéias, paixões, e aniquilá-las, começa a me emocionar. A idéia de Buda, que igualmente criava nas puras circunvoluções de seu cérebro o mundo com a luz e a sombra, me conquistou. Esta ascese no cinema me será duplamente útil. Talvez a) me ajude do ponto de vista financeiro e b) faça certamente bem à natureza visionária do meu espírito. Conseguir transformar em imagens simples, nítidas, as idéias abstratas, eis o meu grande desejo. A Odisséia deve ser plena de imagens, o olho de Ulisses um aparelho fotográfico na câmara que, escura, cria o Universo..."*

Sem que o soubesse, esta ascese pelo cinema, esta linguagem precisa, concisa, em imagens, o ajudará no seu primeiro livro, após o retorno da Rússia. Escreverá *Toda-Raba* em linhas curtas, em traços entrecortados, como se tratasse de um *script*... Um dia, pensando num outro roteiro, achará a figura do Negro, deste *Toda-Raba* que dá título ao livro.

O tempo passa, Kazantzaki segue com ternura e inquietação as eternas reviravoltas de Panait. Mais tarde, ele lhe servirá de modelo para Azad, em *Toda-Raba*. No momento, não faz senão sondar suas almas para melhor compreender a si mesmo.

Kiev, 26-5-1928.

*"Não conheço os projetos de Istrati, mäs creio que, cada vez mais, ele está decidido a ingressar no Partido e a se tornar homem de ação. Se seu veio de escritor se esgotasse, esta seria a melhor solução; aliás, se ele se desse por inteiro à ação, isto quereria dizer que o veio já se esgotou. Quanto a mim, tomei a decisão formal de me manter afastado de qualquer ação efêmera — mesmo a mais preciosa — e de não trair meu grande chefe Ulisses-Buda.*

*"É natural que a Rússia não me dê mais a primeira emoção febril do contato virginal, a) porque ela não se encontra mais*